



Zara e Pirata dos Açores

Comecei a ler o livro *Zara e Pirata dos Açores*, porque me pareceu interessante e, ainda, por ter sido escrito por uma professora que já conhecia. Estive presente na sessão de apresentação do livro, no Agrupamento de Escolas Latino Coelho, que frequento, e a maneira como foi apresentado despertou-me curiosidade. Li-o de fio a pavio, com muito entusiasmo, pois cada capítulo continha uma aventura aliciante. Os onze episódios que o constituem são todos motivadores, contudo, o meu preferido é “Senhores de bata branca” (capítulo XII) e é neste que me vou concentrar. Trata de uma ida ao veterinário de Zara, a cadela e narradora participante. Conta-nos Zara que desceu as escadas de pedra de sua casa “em completa desafinação” com o dono, pois tal era a sua ansiedade que não conseguia descer devagar: ela acelerava e o dono refreava o seu andamento. Apreciei algumas cenas cómicas que se passaram no consultório do veterinário, tal como a visita que ela tentou fazer aos animais internados, mas que correu mal, visto que um gatinho que estava a receber soro se assustou e houve um certo sarilho com os tubos ligados às suas patas... As pessoas entraram

em pânico, expulsaram a cadela do compartimento e fecharam as portas. Zara queixou-se que não a compreendiam, dado que ela só estava a ser solidária e generosa. Deliciei-me com algumas expressões que me fizeram rir, como por exemplo “Fez-me uma grande festa e deu-me um biscoito. Oh! Que amor! Deu-me outro. Amor ao quadrado! Depois mais outro... Amor ao cubo.” Também apreciei a conversa que ela teve com o canino de olhos azuis, na sala de espera, e da crítica que ela faz às pessoas.

Gostei de *Zara e Pirata dos Açores* porque as personagens principais são cães que estão sempre envolvidos em aventuras e agem como as pessoas, através do recurso à personificação, e recomendo a leitura deste livro às pessoas e aos cães que souberem ler.